

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 26 No.2 2013 / Volume 27 No.1 2014

PARTE 3 - A CONSTRUÇÃO DE INTERLOCUÇÕES: CAMPOS DISCIPLINARES E SOCIEDADE

ARTIGO

A GARRAFA QUE DEIXOU DE SER: ARQUEOLOGIA COM A CIDADE E MUSEALIZAÇÃO

Piero Alessandro Bohn Tessaro *

RESUMO

Na Arqueologia Urbana há um princípio básico: considerar o processo de urbanização de um território. Tal premissa proporciona ao arqueólogo lidar não somente com o contexto arqueológico (abandono), mas também com o contexto sistêmico (vida). Esse último se reflete no olhar sobre os vestígios do passado e no processo de ressignificação, que os recoloca no contexto sistêmico (tempo atual). Nesse caminho se dá uma nova funcionalidade ao que foi abandonado, como uma postura crítica ao presente que, através da musealização, pautada pela Sociomuseologia, carrega um almejar de futuro. Exercer-se uma Arqueologia com a Cidade que se preocupa, na análise crítica do território, para o entendimento de que o lugar é uma escolha, no qual um porvir deve ser sonhado.

Palavras-chave: Arqueologia com a Cidade; Ressignificação, Musealização

ABSTRACT

Urban Archaeology has a basic principle: to consider the urbanization process of the territory. Because of this premise, archeologists have to deal not only with the archaeological context (abandonment), but also with systemic context (life). The last reflects upon surveying for past vestiges and the resignification process that puts them back into the systemic context (current time). This path gives a new functionality to what was abandoned, as a critical stance to the present which throughout the musealization, ruled by sociomuseology, carries the will of the future. Archaeology is than practiced along with the city and, it is worries in the critical examination of the territory, providing the understanding that a place is a choice in which a terminating future must be dream of.

Key words: Archaeology with the City; Resignification; Musealization

* O presente trabalho tem como conteúdo parte da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo (USP), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Oliveira Bruno e fomentada por bolsa de mestrado CAPES. A Pesquisa contou com o apoio da empresa Zanettini Arqueologia e do Centro de Arqueologia de São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico (DPH) da Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).

Quando um arqueólogo encontra, em uma unidade de escavação, vários fragmentos de vidro de uma mesma coloração e esse mesmo pesquisador é quem vai analisar esses fragmentos, ele já se pergunta se esses podem ser de um mesmo objeto, frasco ou garrafa. Apenas quando o material já encontra-se lavado, numerado, ou curado, é que na análise efetuam-se as tentativas de remontagens. Quando terminado, os fragmentos unidos constroem a forma de uma garrafa, mas a pergunta que cabe nesse momento é: a função do objeto permanece? Já que o objeto garrafa tem como funcionalidade armazenar líquidos, essa garrafa retirada de um contexto arqueológico poderia ser utilizada novamente para isso?

Essa última pergunta se vale da questão que essa cultura material só tem sentido quando funcional e, portanto, preservada. Nesse caso se a mesma sozinha ou em seu conjunto tem sentido para quem a detém, a sociedade. Aspecto que deve ser refletido ainda no cerne da Arqueologia, pensar qual a função social que essa Ciência tem em relação a sociedade. Isso ultrapassa uma questão legislativa ou normativa; no caso brasileiro, no entanto, é possível observar essa nuance de que o patrimônio é direito da sociedade na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988¹ e na obrigatoriedade de divulgação do conhecimento gerado, expressa na Portaria IPHAN 230, de 17 de Dezembro de 2002². Em último aspecto, é possível dizer que essa última, tem como cerne o combate a uma questão analisada por Cristina Bruno (BRUNO, 1995, 2005), a "estratigrafia do abandono", ou seja, um isolamento do conhecimento gerado pela arqueologia, que tende a se manter circunscrito a pares.

Porém, além da questão dos dados gerados pela arqueologia, temos que considerar que os acervos exumados, conjuntamente com suas documentações, estão sendo depositados em instituições museológicas, em reservas técnicas. E é nesse momento que as relações de abandono ficam mais evidentes, principalmente devido a um descompasso entre Arqueologia e Museus, ou como analisado por Camila Wichers (WICHERS, 2011), ocorrem muitos caminhos e descaminhos nessas relações. Esse abandono torna-se mais evidente em fins do século XX e início do século XXI com o aumento dos trabalhos em arqueologia preventiva, e está explícito no desenvolvimento histórico da Arqueologia Brasileira e dos museus como pontuou Wichers (WICHERS, 2011).

Considerando a abordagem das questões acima elencadas, no desenvolvimento da pesquisa de mestrado intitulada "Pedaços de uma Paulicéia Espalhados pela Urbe: musealizando uma arqueologia com a cidade" (TESSARO, 2013), buscou-se inserir já no aporte teórico e metodológico da Arqueologia Urbana a ideia de musealização da arqueologia, possibilitando a aproximação que por vezes é relegada ao abandono ou

1 Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Art. 20. São Bens da União: Inciso X - as cavidades naturais subterrâneas e os sítios arqueológicos e pré-históricos; Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: Inciso V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

2 Portaria IPHAN n.º 230, de 17 de Dezembro de 2002, Art. 6. § 7º - O desenvolvimento dos estudos arqueológicos acima descritos, em todas as suas fases, implica trabalhos de gabinete (limpeza, triagem, registro, análise, interpretação, acondicionamento adequado do material coletado em campo, bem como programa de Educação Patrimonial), [...].

descompasso. Ou seja, foi necessário repensar o olhar arqueológico para usufruir de um caminho comum. Para isso utilizaram-se dois objetos de estudo, o sítio arqueológico Quadra 090³, pesquisado no âmbito da Arqueologia Preventiva pela empresa Zanettini Arqueologia, e o Centro de Arqueologia de São Paulo/Sítio Morrinhos⁴ (DPH - PMSP). Esses objetos de estudo não serão detalhados aqui, mas é importante citá-los, pois é a partir desses que se apresentam os fatores da reflexão desenvolvida durante o mestrado. Esses aspectos estão intimamente ligados ao papel que o processo curatorial tem dentro de uma pesquisa arqueológica e também, como já explicitado, às questões teóricas e metodológicas da arqueologia urbana, os quais estarão presentes nesse espaço de reflexão; buscando explicitar o conceito de Arqueologia com a Cidade e porque a garrafa deixou de ser.

Esse pensamento não é restrito à Arqueologia Urbana, podendo ser utilizado em outras Arqueologias, mas foi a partir dela que se desenvolveu a reflexão, pois a mesma fornece subsídios iniciais para tal processo. Assim, a seguir será apresentada a importância da curadoria e um histórico de desenvolvimento dessa Arqueologia, quanto às questões teóricas e metodológicas. Com isso buscar-se-á demonstrar como a Ciência Arqueológica pode combater o abandono, permitindo, assim, cumprir com seu papel social e explicar o motivo pelo qual a garrafa deixou de ser.

PROCESSO CURATORIAL: PRESERVAÇÃO ATRAVÉS DA DOCUMENTAÇÃO

Os museus não valem como depósitos de cultura ou experiência acumulada, mas como instrumentos geradores de novas experiências e renovação da cultura.

(Carlos Drumond de ANDRADE, 1975)

Se os museus são geradores de novas experiências e renovação, a arqueologia que adentra esse espaço deve conseguir propiciar elementos para tal ação. É assim que devemos pensar nossos trabalhos em Arqueologia e o que está envolvido a eles. A palavra “envolvimento” refere-se às questões ligadas à preservação e diretamente atreladas à curadoria. Esta é, como afirma Bruno (BRUNO, 1995:232), “o ciclo completo de atividades relativas ao acervo, compreendendo a execução e/ou orientação científica” que destinamos à preservação, não para uma manutenção funcional, mas para a possibilidade de gerarmos novas experiências”.

Preservar é uma ação intrínseca às questões éticas da Arqueologia: *Archaeologists have an ethical obligation to preserve the data they collect during archaeological projects for future generations* (SHA, 1993:1).⁵ Para a eficaz aplicação de uma curadoria a um projeto de arqueologia, devemos levar em consideração não apenas o acervo material retirado do solo:

3 Sítio arqueológico fruto de um trabalho de licenciamento promovido pela empresa Zanettini Arqueologia durante o período do segundo semestre de 2009 e primeiro semestre de 2010, localizado entre as ruas dos Timbiras, dos Andradas, Aurora e do Triunfo, no bairro de Santa Ifigênia. O local foi alvo de pesquisa devido à implantação do Centro Paula Souza das Escolas Técnicas do Governo do Estado de São Paulo; recebendo o nome de "Programa de Prospecções e Resgate Arqueológico Quadra 090, Setor 008 (Perímetro Nova Luz), Município de São Paulo, Estado de São Paulo" e esteve sob coordenação dos arqueólogos Paulo Eduardo Zanettini e Paulo Fernando Bava de Camargo. Mais detalhes sobre o sítio arqueológico podem ser vistos em Zanettini Arqueologia (Zanettini Arqueologia 2009, 2010) e Tessaro (Tessaro 2013).

4 O Centro de Arqueologia de São Paulo/Sítio Morrinhos, é parte do Museu de Cidade e vocacionado à Arqueologia paulistana. Além de ser destinado à comunicação desse tema, é também detentor da grande parte dos acervos de ocorrências e sítios arqueológicos. O detalhamento sobre os acervos e análise da atual exposição do museu podem ser vista em Tessaro (Tessaro 2013).

5 “Os arqueólogos têm a obrigação ética de preservar os dados coletados durante projetos arqueológicos para as gerações futuras” (tradução do autor).

Archaeological Collections are comprised of several components, including but not limited to artifacts, environmental and dating samples, field documentation, laboratory documentation, photographic records, related historical documents, and reports. (SHA, 1993:1)⁶

Consideram-se todas as documentações do projeto e pressupõem-se que a curadoria seja pensada desde o planejamento de campo como um *integral element of the archaeological process and refers to the long-term management and preservation of archaeological materials and their associated documentation* (SHA 1993:1)⁷. No entanto, a curadoria vai além dos trabalhos de arqueologia, pois deve se caracterizar como um processo contínuo, ligado também às futuras instituições de salvaguarda desses acervos arqueológicos e documentais. Esta perspectiva também deve ser levada em consideração para processos de pesquisa como a história do artefato em si, uma das possibilidades de abordagem das novas tendências da arqueologia.

Além disso, estamos, segundo os conceitos de Schiffer (SCHIFFER, 1995), exumando vestígios do “contexto arqueológico” o que acarreta um sistema curatorial eficaz para a preservação das informações, já que estamos interferindo na matriz de sustentação (CALDARELLI, 2007) desse contexto. Assim, a curadoria possui uma cadeia operatória própria, como a museologia (BRUNO, 2007) e como a arqueologia. Além disso, como a arqueologia vem inserindo em sua cadeia operatória a questão comunicativa, pelo menos desde as perspectivas e críticas apontadas por Hodder (HODDER, 2003), é de suma importância entendermos a cadeia operatória curatorial como inserida num aspecto mais amplo do que apenas as pesquisas de campo em arqueologia. Evitamos uma divulgação do conhecimento isolada entre pares (BRUNO, 2005:237), possibilitando uma acessibilidade mais ampla a esse bem, o que segundo a legislação brasileira é direito de todos os cidadãos. Também devemos levar em consideração que projetos mal delineados frente à curadoria e à comunicação dos conhecimentos estão colocando acervos em reservas técnicas, deixando-os sem utilidade social, criando um abandono, quase como recolocando-os em um “contexto arqueológico” (SCHIFFER, 1995). A **Figura 1** apresenta um quadro esquemático da inserção da cadeia operatória curatorial na cadeia operatória arqueológica e de preservação/comunicação.

⁶ “Coleções Arqueológicas são formadas de vários componentes, incluindo, mas não limitadas a artefatos, amostras de meio ambiente e datação, documentação de campo, documentação de laboratório, registros fotográficos, documentos históricos relacionados e relatórios”(tradução do autor).

⁷ “(...) elemento integrante do processo arqueológico e refere-se à gestão a longo prazo e preservação de materiais arqueológicos e sua documentação associada”(tradução do autor).

Figura 1 - Cadeia operatória da curadoria arqueológica.

Nessa perspectiva, demonstra-se a importância da formação do arqueólogo, a ética envolvida em manipular objetos e produzir uma documentação adequada como um dever frente à sociedade. Pois, como indica Ferreira (FERREIRA, 2008:86) *as relações sociais não se dão simplesmente entre pessoas e grupos; elas sempre envolvem artefatos* e se queremos de fato estabelecer uma relação comunicacional, relação social, estamos frente a um privilégio da Arqueologia. Um sistema curatorial eficaz irá permitir que essa relação social se estabeleça.

ARQUEOLOGIA URBANA

Primeiramente, devemos relembrar que a origem da arqueologia liga-se ao antiquarianismo e ao desenvolvimento de práticas colecionistas do século XVIII. Com o Século XIX, no entanto, as práticas antiquarianistas de resgate de objetos antigos desenvolvem-se conjuntamente com a disseminação das teorias darwinianas, principalmente o evolucionismo; técnicas e práticas classificatórias se reordenam buscando em sua linearidade dar conta de uma história de longa duração, ligados principalmente a pré-história e períodos clássicos. A Arqueologia já como uma Ciência, debruçava-se sobre sítios arqueológicos que poderiam estar presentes em meio a cidades, principalmente no contexto europeu, preocupando-se com a presença do mundo clássico. Em seu desenvolvimento o leque de possibilidades de pesquisa se alastra, adentrando em outros momentos históricos da humanidade, aproximando-se de contextos da sociedade atual; os contextos históricos. Essas

referências já foram abordadas por diferentes autores na arqueologia, dentre as mais conhecidas podem ser citados, a "História do pensamento Arqueológico" (TRIGGER, 2004) e "Archaeology: Theories, Methods and Practice" (RENFREW e BAHN, 1991). Estava assim nascendo uma arqueologia voltada especialmente para períodos mais recentes e configurando-se como uma mãe, gestando em seu ventre o que viria a se tornar a Arqueologia Urbana (FUNARI, 2005).

Como aponta Funari (FUNARI, 2005) há uma clareza de que a equação Arqueologia Histórica = Arqueologia Urbana não se aplica à complexidade de formação do espaço urbano. Pois, como indica Zanettini (ZANETTINI, 2004), os arqueólogos urbanos estudam, também, grupos anteriores à formação das cidades. Em muitos aspectos Arqueologia Histórica e Urbana são confundidas como uma mesma especificidade do campo mais amplo, a Ciência Arqueológica, principalmente por parte dos arqueólogos que se debruçaram ao que chamamos de Arqueologia Pré-Histórica. Apesar da Arqueologia Urbana provir de sua antecessora a Arqueologia Histórica (STASKI, 2008), e que a grande maioria dos sítios arqueológicos pesquisados em cidades tratam-se de sítios arqueológicos históricos, há que se lembrar da possibilidade da existência de contextos arqueológicos pré-históricos ou pré-coloniais sob a malha urbana de uma cidade. A exemplo dessa questão: no caso paulistano, o Sítio Arqueológico Morumbi, que é uma oficina lítica em meio a "selva de concreto"; assim como os sítios pré-históricos encontrados próximos ao Rio Hudson, na cidade de Nova York (Salwen 1978).

É essa primeira conceituação que torna as demais percepções diferenciadas, quando lidamos com um contexto urbano. A presença de contextos pré-históricos ou pré-coloniais no meio urbano sugerem a necessidade de se pensar a formação da cidade como parte da formação do contexto arqueológico encontrado. Se considerada, na perspectiva arqueológica, a existência de dois fatores que contribuem para a formação do registro arqueológico, tal qual o encontramos *in situ*, os processos naturais - *n-transforms* - e os processos culturais - *c-transforms* (SCHIFFER, 1995) -, o desenvolvimento da cidade terá assim parte no processo cultural de formação do registro.

Transformations are modeled through the use of two sets of archaeological laws. The first set, "c-transforms", describes the cultural formation processes of the archaeological record. These laws relate variables pertaining to the behavioral and organizational properties of sociocultural system to variables describing aspects of the archaeological outputs of that system. The laws of noncultural formation processes are termed "n-transforms". (SCHIFFER, 1995:48)⁸

Nesse pensamento, ao encontrarmos um contexto arqueológico deve-se levar em consideração os processos naturais e culturais de alteração do registro pós abandono.

⁸ "As transformações são modeladas através do uso de dois conjuntos de leis arqueológicas. O primeiro conjunto, "c-transforms", descreve os processos de formação cultural do registro arqueológico. Essas leis relacionam variáveis referentes às propriedades comportamentais e organizacionais do sistema sociocultural às variáveis que descrevem aspectos arqueológicos de fora desse sistema. As leis de processos de formação não-cultural são chamadas de "n-transforms". O primeiro conjunto, "c-transforms", descreve os processos de formação cultural do registro arqueológico. Essas leis relacionam variáveis referentes às propriedades comportamentais e organizacionais do sistema sociocultural às variáveis que descrevem aspectos arqueológicos de fora desse sistema. As leis de processos de formação não-cultural são chamadas de "n-transforms" "(tradução do autor).

Voltando à cidade, portanto, temos alteração desse contexto através do processo cultural de desenvolvimento urbano e crescimento da malha urbana. Define-se uma nova perspectiva, da percepção sobre o próprio desenvolvimento urbano, quebrando com as limitações impostas pela delimitação de um sítio arqueológico.

Of course, an important topic of research among urban archaeologists is urbanization, the general process related to the emerge and development of cities (STASKI, 2008: 7).⁹

Como apontou Staski (2008), o processo de urbanização deve ser compreendido no contexto de pesquisa de um sítio arqueológico, entrando em consonância com a ideia da formação do contexto arqueológico proposto por Schiffer (1995). Essa máxima da Arqueologia Urbana, a priori, está dificultada pela concepção de sítio arqueológico, pensado com um limite espacial, enquanto que, quando em um meio urbano, dever-se-ia pensar nos limites da cidade, onde o processo de urbanização ocorre.

Dois olhares diferenciados se ligam às premissas citadas, uma do olhar sobre o sítio arqueológico independente do contexto de urbanização e, a outra, relacionada ao olhar sobre a cidade como um todo, trazendo respectivamente as concepções utilizadas por Salwen (1978) e Staski (1987) de "arqueologia na cidade" (*archaeology in the city*) e "arqueologia da cidade" (*archaeology of the city*).

[...] while we were doing *archaeology in the city*, we had not, with the few notable exceptions, begun to explore the "possibilities inherent in the more rewarding concept of *archaeology of the city*". (SALWEN, 1978:453)¹⁰

Advances in *methodology*, or *archaeology in the city* (SLAWEN, 1973; STASKI, 1982), seem to have been given most attention. [...] Urban archaeology seems to have advanced less far, however, in matters of *theory* and substantive *historical research* regarding urban phenomena themselves. Although a number of scholars have attempted such *archaeology of the city*, and in spite of a number of pioneering statements promoting such research (e.g., SALWEN, 1973) [...]. (STASKI, 1987:IX)¹¹

Essa divisão conceitual, estabelecida pelos pesquisadores norte-americanos, diz que uma arqueologia na cidade estaria ligada ao olhar sobre o sítio arqueológico, desconsiderando sua inserção no contexto de urbanização; e que uma arqueologia da cidade, parte da perspectiva de que o processo de urbanização é parte integrante da reflexão arqueológica. Não se expressa, no entanto, que as conceituações sejam mutuamente excludentes, podendo-se partir de ambas as perspectivas para a reflexão.

Essa conceituação é ainda hoje muito utilizada por pesquisadores ligados à Arqueologia Urbana Brasileira, apesar de algumas pesquisas ainda se dedicarem a sítios arqueológicos

9 "Com certeza, um tópico importante da pesquisa entre os arqueólogos urbanos é a urbanização, o processo geral relacionado com a emergência e desenvolvimento das cidades"(tradução do autor).

10 "Enquanto estávamos fazendo a arqueologia na cidade, que não tinha, com poucas exceções notáveis, começado a explorar as "possibilidades inerentes à noção mais gratificante de arqueologia da cidade"(tradução do autor).

11 "Avanços na metodologia, ou arqueologia na cidade (Slawen 1973; Staski 1982), parece ter sido dado mais atenção. [...] A arqueologia urbana parece ter avançado menos agora, no entanto, em matéria de teoria e pesquisa histórica substantiva em relação aos próprios fenômenos urbanos. Embora um número de estudiosos tentasse tal arqueologia da cidade, e, apesar de uma série de declarações pioneiras promoverem essa investigação (por exemplo, Salwen 1973) "(tradução do autor).

urbanos na perspectiva de uma Arqueologia Histórica e, portanto, uma arqueologia *na* cidade. Seria esse, um postulado da Arqueologia Histórica que desconsidera a perspectiva de uma Arqueologia que se dá no presente (HODDER, 2003).

Já no século XXI, Staski revisita sua publicação "*Living in Cities*" (1987) com a publicação do texto intitulado "*Living in Cities Today*" (2008), reformulando algumas de suas proposições. Nesse texto, apresenta-se a ideia de ambas as perspectivas de arqueologia *na* e *da* cidade serem complementares. Há uma renovação, permeada por posturas pós-processualistas, de que a Arqueologia Urbana deve servir para a cidade, por exemplo, auxiliando urbanistas. Essa nova postura foi interpretada como uma "arqueologia para a cidade", apesar da utilização em língua inglesa "*archaeology of the city*" (STASKI, 2008), ser a mesma para uma "arqueologia da cidade".

Esses conceitos são utilizados conjuntamente, dentro da perspectiva de abordagem que o próprio pesquisador Staski propôs. É dessa maneira que os mesmos vêm sendo empregados no contexto brasileiro.

A Arqueologia Urbana na realidade brasileira não se diferencia completamente do contexto mundial e principalmente norte-americano, tendo sido gestada pela Arqueologia Histórica. Em alguns momentos, se pode dizer que a mesma ainda encontra-se sob os auspícios dessa mãe. Dentro dessa lógica é importante fazer um breve histórico da progenitora, buscando cá e lá identificar os primeiros passos da Arqueologia Urbana brasileira.

Segundo Lima (LIMA, 1993), a arqueologia histórica tem seus primeiros trabalhos no território brasileiro ainda no primeiro quartel do século XX, mas só se estabelece formalmente no início dos anos 60. Nesse momento as pesquisas desenvolvidas com essa especificidade se dedicam aos marcos da arquitetura colonial (LIMA, 1993) - igrejas, conventos, fortificações entre outros - principalmente nas regiões litorâneas do nordeste e nos estados sulistas. Pensando na organização urbana ou pré-urbana que se coloca no período colonial, em que os conjuntos arquitetônicos e sociais se estabeleceram próximos a esses grandes marcos da arquitetura colonial, principalmente as igrejas propulsoras de um aglutinamento social, encontramos o marco ou mito de nascimento de cidades. Por tanto, alguns desses marcos que começaram a ser pesquisados na década de 60, encontravam-se dentro de um contexto urbano. A exemplo desses marcos, podemos citar o caso paulistano que tem como mito fundador da cidade o *Pateo do Collegio*, onde se instalaram os jesuítas (PRADO JR., 1998).

Seguindo o mesmo pensamento, percebe-se que a Arqueologia Urbana já vinha acontecendo em uma perspectiva da Arqueologia Histórica ou do conceito de uma arqueologia *na* cidade, mesmo sem essa conceituação de Salwen ter sido empregada e muito menos chegado às terras brasileiras. Esse início da Arqueologia Histórica Brasileira, voltada para os marcos da arquitetura colonial se deu em conjunto e a serviço do processo de restauro dessas edificações. Dentre os arqueólogos brasileiros que se dedicam à pesquisa na perspectiva da Arqueologia Urbana cito alguns exemplos:

- Paulo Eduardo Zanettini, que trouxe uma formulação de Arqueologia Urbana muito próxima das ideias de Staski e Salwen, demonstrando, ainda, um interesse pela

interdisciplinaridade citando as contribuições da Filosofia, História, Antropologia, Geografia, Psicanálise, Artes e Tecnologias (ZANETTINI, 2005). Foi também o primeiro na cidade a propor o uso de maquinário pesado como retroescavadeiras para a pesquisa arqueológica, metodologia que vem sendo empregada em projetos de arqueologia preventiva da empresa que dirige (ZANETTINI ARQUEOLOGIA 2009, 2010, 2011).

- Lúcia Juliani, cuja dissertação de mestrado debruçou-se sobre a gestão da Arqueologia em Metrôpoles, apresentando referências de experiências do exterior e pensando na sua adaptação para o contexto da cidade de São Paulo (JULIANI, 1996).

- Fernanda Bordin Tocchetto, que em seu doutoramento analisou as práticas e condutas relacionadas ao descarte de lixo no período oitocentista de Porto Alegre (TOCCHETTO, 2010), cidade onde está a frente do cargo de arqueóloga da Prefeitura Municipal.

- Rafael de Abreu Souza, que em sua dissertação de mestrado sobre a fábrica de louças Santa Catarina, o primeiro contexto fabril de louças da cidade de São Paulo, utilizou uma abordagem interdisciplinar para discutir não apenas a fábrica, mas a inserção da mesma no contexto da cidade e do desenvolvimento urbano (SOUZA, 2010).

DESENVOLVENDO O CONCEITO DE ARQUEOLOGIA COM A CIDADE

A natureza é um bem cultural, na medida em que mesmo que não seja alterada, ela é percebida e dotada de significados e valores pelo homem. (SCHEINER apud CÂNDIDO 2008:59)

Mesmo que em um meio urbano não estejamos falando da natureza, esse aspecto de considerar a paisagem como algo cultural é de suma importância, dotando espaços de significados singulares a cada indivíduo. Assim, resgatando as questões propostas por Staski (1999, 2008) e Salwen (1978) em que a arqueologia urbana deve tratar a cidade como um *locus* arqueológico no qual deve ser realizada uma arqueologia *da, na e para* a cidade; amplia-se sua conceituação, inicialmente em conjunto com o pesquisador Rafael de Abreu e Souza, trazendo uma abordagem que considera uma “arqueologia *com a cidade*” (TESSARO e SOUZA 2011; TESSARO, 2013). Essa reflexão, no entanto, não exclui as considerações anteriores, englobando as de Staski(1999, 2008) e Salwen (1978) frente ao contexto urbano, alcançando assim, o aspecto mais abrangente da disciplina arqueológica, onde a interação e a comunicação são partes integrantes da pesquisa arqueológica.

En último lugar, una arqueología totalmente crítica y responsable ha de ser capaz de usar la objetividad y la realidad de la experiencia de sus datos, con el fin de dar forma y transformar la experiencia del mundo. (HODDER, 2003:189)¹²

Segundo Hodder (2003), para transformarmos a experiência do mundo, os dados arqueológicos devem entrar em relação com a sociedade já que:

¹² “Finalmente, uma arqueologia totalmente crítica e responsável deve ser capaz de usar a objetividade e a realidade da experiência dos seus dados, a fim de dar forma e transformar a experiência do mundo”(tradução do autor).

Existe una relación dialéctica entre el pasado y el presente: se interpreta el pasado en función del presente, pero puede también utilizarse el pasado para criticar y desafiar al presente. (HODDER, 2003:189 – 190)¹³

É neste último aspecto que a arqueologia integra-se à museologia, ratificando assim, a necessidade de ser pensada conjuntamente e não como aspectos separados e compartimentados. Assim como estamos nos inserindo em um contexto mais amplo, onde as discussões sobre a cidade são efetuadas por diversas disciplinas.

Se o sítio arqueológico, no caso da arqueologia urbana, é a cidade inteira, cada compartimento desse sítio – rua, quadra, edifício, várzea, fábrica – será um contexto arqueológico, ou seja, cada ente da cidade será um fragmento do sítio arqueológico, o que equipara em termos de relevância os fragmentos enterrados – objetos de atuação por excelência da arqueologia – e as informações fornecidas pela paisagem, pela bibliografia e pela iconografia (BAVA DE CAMARGO, 2009).

Corroborando esse aspecto, Zanettini (2004) afirma: *o arqueólogo urbano não tem necessariamente que restringir suas análises aos locais que escava*. Inserem-se aspectos trazidos da geografia, as “rugosidades” (SANTOS, 2008) que são elementos do passado que permanecem na paisagem, inserindo a esse ponto de vista os aspectos percebidos também pelo urbanismo, antropologia urbana entre outras. Assim, refletimos sobre problemas que afetam o cotidiano da cidade (, 2004), conformando também a perspectiva apresentada por Tocchetto e Thiesen:

Para o arqueólogo, a cidade pode ser entendida como uma construção estratificada, que deve ser lida da mesma forma como lemos uma estratigrafia numa escavação: interpretando as sucessivas camadas de história ali depositadas, sob o solo e sobre o solo. (TOCCHETTO e THIESEN, 2007:176)

Ao lidarmos com ela, a cidade, observamos seus fragmentos, seus pedaços, mas ainda conectados através dos meios comunicacionais (CANCLINI, 2008), parte da interface entre arqueologia e museologia.

... pode-se considerar o museu como ponte entre tempos, espaços, indivíduos, grupos sociais e culturas diferentes; ponte que se constrói em imagens e que tem no imaginário um lugar de destaque (CHAGAS, 2005:18)

Aliando-se à perspectiva apresentada por Chagas podemos considerar, assim como Ferreira (Ferreira 2008), que as relações sociais envolvem artefatos: “cultura material que poderíamos entender aquele segmento do meio físico que é socialmente apropriado pelo homem” (MENESES, 1983:112). Atestando, dessa maneira, um valor de símbolo a essa cultura material, que para Lacan (LACAN, 2008), “possui essencialmente um valor de relação”, que é intrinsecamente individual (MERLEAU-PONTY, 2007, 2011). No entanto, por mais que a relação seja em essência individual, essas apropriações inserem-se em uma

13 “Há uma relação dialética entre o passado e o presente: o passado é interpretado em termos do presente, mas o passado também pode ser usado para criticar e contestar a presente”(tradução do autor).

estrutura que pode ser lida através do *habitus* (BOURDIEU, 2009) e do discurso (FOUCAULT, 2007).

O *habitus* [...] é uma regra [...] ou, melhor um *modus operandi* [...] faz com que se faça o que é preciso fazer no momento próprio, sem ter havido necessidade de tematizar o que havia que fazer, e menos ainda a regra que permite gerar conduta adequada. (BOURDIEU, 2009:23)

Apesar deste conceito atrelar-se ao estudo de caso da Ciência, elaborado por Bourdieu, ele pode ser utilizado para compreensão de diferentes universos presentes na sociedade: ao cotidiano dos indivíduos que se inserem em uma mesma cultura e ao próprio estudo em apreço. Esse *habitus*, entende-se como parte da cultura, está associado a diferentes discursos e relações de poder, inserindo-se ainda numa relação individual, pois como considerou Freud (2010) “o *eu* contém tudo, mais tarde ele segrega de si um mundo exterior”. Esse mundo exterior surge da contraposição do *eu* com os discursos sociais.

O discurso (FOUCAULT, 2007), pode ser compreendido com o exemplo da história do filme “O Enigma de Kaspar Hauser” (HERZOG, 1974, “Jeder für sich und Gott gegen alle”, Alemanha, 110min), onde um jovem que viveu desde seus primeiros anos de vida preso em um porão, sem contato com a sociedade, quando é abandonado em uma cidade tem dificuldades em locomover-se e comunicar-se. Utilizo esse exemplo para demonstrar como o discurso está atrelado a uma forma, a um *modus operandi*. O fazer em si algo de um determinado jeito, como o simples ato de caminhar, já é em si um discurso, uma cultura que é criada, pensada, modificada, assimilada e significada por indivíduos.

Habitus e discursos ligam-se à reflexão sobre a cidade, considerando-se o “empilhamento estratigráfico” (DE CERTEAU, 2008) e não mais uma história que se divide do presente:

... a historiografia separa seu presente de um passado. Porém, repete sempre o gesto de dividir. Assim sendo, sua cronologia se compõe de “períodos” [...] entre os quais se indica sempre a decisão de ser outro ou de não ser mais o que havia sido até então [...]. Por sua vez, cada tempo “novo” deu lugar a um discurso que considera “morto” aquilo que o precedeu [...].

Muito longe de ser genérica esta construção é uma singularidade ocidental. Na Índia, por exemplo, “as novas formas não expulsaram as antigas”. O que existe é o “empilhamento estratigráfico”. (DE CERTEAU, 2008:15 – 16)

Assim o presente da cidade deve ser compreendido como “contexto arqueológico” conjuntamente com “contexto sistêmico” (SCHIFFER, 1972).

O morto assombra o vivo; ele re-morde (mordida secreta e repetida). Assim, a história seria “canibal”, e a memória tornar-se-ia o recinto fechado em que se opõem duas operações contrárias: por um lado, o esquecimento, que não é uma passividade nem uma perda, mas uma ação contra o passado; e, por outro, o vestígio **mnésico**, que é o retorno do esquecido, ou seja, uma ação desse passado, daqui em diante forçado ao disfarce. (DE CERTEAU, 2011:71 – 72)

A cidade deve ser tratada como um *locus*, no qual as significações e discursos presentes fazem parte da interpretação do passado. A Paisagem, nesse aspecto, torna-se um importante objeto na compreensão do que é a cidade, não apenas em seus “lugares significativos” (ZEDENO e BOWSER, 2008), mas nas ações que ali ocorrem.

Os conceitos de contexto arqueológico e contexto sistêmico de Schiffer (1972) servem para refletirmos sobre a cidade, seus lugares e não lugares (AUGÉ, 2008).

Systemic context labels the condition of an element which is participating in a behavioral system. Archaeological context describes materials which have passed through a cultural system, and which are now the objects of investigation of archaeologists. (SCHIFFER, 1972:17)

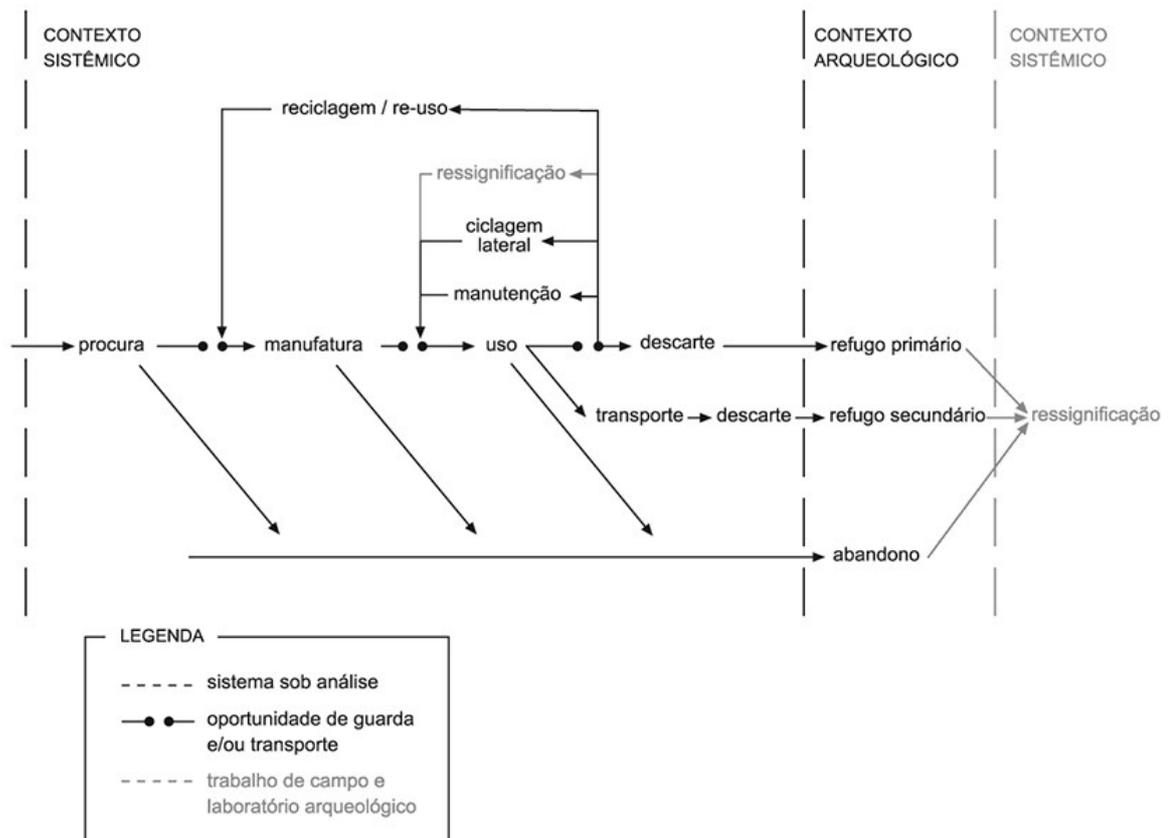
O contexto sistêmico está ligado à vida de uso dos objetos, englobando: fabricação, aquisição, utilização, manutenção, descarte, reciclagem e ciclagem lateral (SCHIFFER, 1972). E o contexto arqueológico corresponde ao término da vida dos artefatos inseridos no contexto sistêmico; ocorrendo, assim, processos de descarte e abandono. No contexto da cidade estamos, portanto, lidando com artefatos do passado que permanecem na, ou seja, uma mútua existência do contexto arqueológico e sistêmico. Pensando dessa maneira com o trabalho arqueológico, estamos recolocando objetos no contexto sistêmico, através da resignificação, consequentemente dando nova função ao objeto. Assim a garrafa fragmentada, exumada do contexto arqueológico com pedaços faltando, mas ainda remontável, não pode mais ser utilizada como garrafa, sendo inserida no novo contexto sistêmico através da resignificação, quase como uma “reciclagem”. Esse processo não se restringe a objetos fragmentados que não se remontam completamente, mas associa-se também a objetos inteiros que, mesmo por questões técnicas, possam ser ainda utilizados dentro de suas funções, são resignificados tanto pelo pesquisador como pelo observador, mudando, portanto, sua funcionalidade.

Outro aspecto relevante dessa reflexão frente ao contexto da cidade é que alguns artefatos descartados podem ser inseridos em outro artefato que continua no contexto sistêmico. Como exemplo disso, uma lixeira observada como artefato (pois se trata de uma construção humana), possui no seu interior objetos de descarte, mas a mesma em si, pensada no conjunto, permanece no contexto sistêmico, até seu abandono. Segundo Harris (1979), a unidade de estratificação é um artefato, portanto uma camada estratigráfica de aterro é um artefato pensado e fabricado pelo homem (SOUZA, 2010). Nesse aspecto, um aterro que possui descartes em seu interior, pode também no contexto sistêmico quando suas funções como artefato, mesmo que não visíveis na paisagem, permaneçam. A exemplo, um aterro feito sobre uma drenagem para supressão dessa e suporte ao que está acima (edifícios, praças e demais construções humanas).

A cidade, portanto, possui contextos arqueológicos e sistêmicos em coexistência, o que torna o contexto sistêmico parte do trabalho arqueológico, contrapondo-se à ideia de que o arqueólogo reflete apenas sobre o primeiro contexto para interpretar o contexto que deixou de existir. É nesse aspecto que a cidade deve ser pensada como um *locus*, pois estamos lidando com artefatos “vivos” que moldam a paisagem, edifícios que são reutilizados e aterros

não abandonados que ainda estão no contexto sistêmico. Assim, contrapondo-se à ideia de que os contextos arqueológicos da cidade são prioritariamente descartes secundários¹⁴. A **Figura 2**, apresenta o quadro que sintetiza as ideias de reflexão, utilizando como base figuras apresentadas por Schiffer (Schiffer 1972).

Figura 2 - Fluxograma dos processos no Contexto Arqueológico e Contexto Sistêmico. Baseada nas Figuras 1 e 3 de Schiffer (1972, p. 158,162); partes em cinza inseridas pelo autor.



CONSIDERAÇÕES SOBRE ARQUEOLOGIA COM A CIDADE E A GARRAFA QUE DEIXOU DE SER

Para além dessa reflexão estamos lidando com a manipulação de artefatos exumados do subsolo, retornando para um novo contexto sistêmico, e, portanto, atribuindo novas funções através da ressignificação. Considerando que essa cultura material é um direito de todos, é necessária a transformação das funções dos objetos, para que possam servir de forma qualificada a essa sociedade que os detém. Uma arqueologia que é despreocupada com essa "reciclagem", ou ressignificação, coloca os objetos exumados em uma reserva técnica sem considerar sua nova funcionalidade. Ela está, praticamente, os realocando novamente em um

¹⁴ Segundo Schiffer (Schiffer 1972), o descarte secundário diferencia-se do descarte primário por ocorrer em local especializado para tal, enquanto no outro caso ocorreria no local de uso do objeto.

contexto arqueológico, através do abandono, ou como já pontuado numa “estratigrafia do abandono” (BRUNO, 1995, 2005).

Assim, um importante aspecto da preservação do patrimônio arqueológico encontra-se na curadoria e na comunicação como parte integrante desse processo onde se encontram os caminhos da Arqueologia e da Museologia. O procedimento curatorial está presente para permitir que ocorra um processo de resignificação em fluxo contínuo para que assim, a cultura material não retorne a um contexto arqueológico em uma reserva técnica de museu.

Uma Arqueologia com a Cidade deve estar ciente de considerar a cidade como um lócus, pois lida com contextos de abandono (arqueológicos) e contextos vivos (sistêmicos), os quais possuem relações diretas com a paisagem da cidade. Esses contextos, mesmo que não visivelmente, estão no cotidiano da cidade, presentes no desenvolvimento da mesma, seja por marcas ou rugosidades visíveis, seja por intermédio da arqueologia que os recoloca no contexto sistêmico, para dar espaço a novas expressões culturais. Ao lidarmos com o contexto sistêmico, lidamos conjuntamente com as relações sociais presentes no local, não somente com os artefatos, mas os mesmos inseridos no contexto cultural no dia a dia do imaginário, da percepção e da resignificação por indivíduos que utilizam esse espaço. Nessa reflexão de uma arqueologia comprometida com a cidade que a proposta de Hodder (2003) de uma arqueologia que pensa, discute e critica o presente é que podemos inserir também o futuro, no aspecto de que a comunicação e extroversão dessas análises podem contribuir para a construção de um futuro.

E, assim, termina a história da garrafa que deixou de ser, respondendo a questão anteriormente levantada. Sua forma permaneceu, mas sua função foi resignificada, por isso ela deixou de ser garrafa para se tornar, por hipótese, símbolo de um processo de higienização; mostrando parte das relações que se estabeleceram entre indivíduo e sociedade, entre sociedade e tratamento do lixo, entre o que é considerado lixo pela sociedade. Sua função é informar, criticar, gerar reflexão entre outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGÉ, M. 2008. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus.
- BAVA DE CAMARGO, P. 2009. Arqueologia de uma cidade portuária: Cananéia, século IX-XX. Tese (doutorado), MAE/USP, São Paulo.
- BOURDIEU, Pierre 2009. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BRUNO, M. C. O. 1995. Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BRUNO, M. C. O. 2005. Arqueologia e Antropofagia: a musealização de sítios arqueológicos. In *Revista do Patrimônio, IPHAN*, nº. 31, p. 235 – 247.
- BRUNO, M. C. O. 2007. Musealização da Arqueologia – alguns subsídios. Manuscrito não publicado.
- CALDARELLI, S. B. 2007. Pesquisa arqueológica em projetos de infra-estrutura: a opção pela preservação in: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 33, p. 153-174.
- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. 2008. Ondas do pensamento museológico brasileiro. Balanço sobre a produção brasileira. In *Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento – Propostas e reflexões museológicas*. São Cristóvão: MAX/ UFS.
- CHAGAS, Mario 2005. Museus: antropofagia da memória e do patrimônio in *Revista do Patrimônio, IPHAN*, nº. 31, p. 15 – 25.

- DE CERTEAU, M. 2008. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- DE CERTEAU, M. 2011. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- FERREIRA, Lucio M. 2008. Sob Fogo Cruzado: Arqueologia Comunitária e Patrimônio Cultural. *Revista de Arqueologia Pública*, São Paulo: Unicamp, nº. 3.
- FOUCAULT, Michel 2007. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FREUD, S. 2010. *O mal estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM.
- FUNARI P. P. A. 2005 Comparative method in archaeology and the study of Spanish and Portuguese South American material culture. In: FUNARI, P. P. A.; ZARANKIN, A. & STOVEL, E. *Global Archaeological Theory*.
- GARCIA CANCLINI, N. 2008. Imaginários Culturais da Cidade: conhecimento / espetáculo / desconhecimento. In *A Cultura Pela Cidade*. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural.
- HARRIS, E. C. 1979. *Principles of Archaeological Stratigraphy*. London/Orlando: Academic Press.
- HODDER, I. 2003. La Arqueología Postprocessual. In HODDER, I & HUDSON, S. *Intepretación em Arqueología*. Barcelona: Crítica.
- JULIANI, L. J. C. O. 1996. Gestão Arqueológica em Metrôpoles: uma proposta para São Paulo. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da USP, Dissertação de Mestrado.
- LACAN, Jacques. 2008. *O mito individual do neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- LIMA, T. A. 1985. Arqueologia Histórica: algumas considerações teóricas (resumo). In: 1º Seminário de Arqueologia Histórica. Rio de Janeiro: SPHAN-FNPM, Comunicação.
- LIMA, T. A. 1993. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. *Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material* (Nova Série). v. 5, pp. 93-129. São Paulo.
- MENESES, U. B. A 1983. Cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, São Paulo, v. 115, p. 103-117.
- MERLEAU-PONTY, M. 2007. *O Visível e o Invisível*. São Paulo: Perspectiva.
- MERLEAU-PONTY, M. 2011. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- PRADO Jr, C. 1998. *A cidade de São Paulo: geografia e história*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- RENFREW, C. e BAHN, P. 1991. *Archaeology: Theories, Methods and Practice*. Londres: Thames and Hudson.
- SALWEN, B. 1978 Archaeology in Megalopolis: Updated Assessment. *Journal of Field Archaeology*, 5, 453-459
- SANTOS, M. 2008. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Edusp.
- SCHIFFER, M. B. 1972 Archaeological context and systemic context. *American Antiquity*, v. 37, nº 2, pp. 156-165.
- SCHIFFER, M. B. 1995. Archaeology as Behavioral Science in: SCHIFFER, M. B. *Behavioral Archaeology: first principles. Foundations of Archaeological Inquiry*, PP. 46-54.
- SHA. 1993. Standards and Guidelines for the Curation of Archaeological Collections. *The Society for Historical Archaeology Newsletter*, vol. 26, n.4.
- SOUZA, R. A. 2010. Louça branca para a Paulicéia: Arqueologia Histórica da Fábrica de Louças Santa Catharina / IRFM - São Paulo e a produção da faiança fina nacional (1913 - 1937). 2010. Dissertação (mestrado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- STASKI, E. (ed.). 1987. *Living in cities: current research in urban archaeology*. Society for Historical Archaeology. Special Publication Series, nº. 5.
- STASKI, E. 1999. Living in cities: an introduction. In: *Historical Archaeology*, special publication, nº 5, pp. ix-xi
- STASKI, E. 2008. Living in cities today. *Historical Archaeology*, v.42, nº. 1, p. 5-10.
- TESSARO, Piero A. B. 2013. Pedacos de uma Paulicéia Espalhados pela Urbe: musealizando uma Arqueologia com a Cidade. São Paulo: Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, MAE - USP.
- TESSARO, Piero A. B., SOUZA, Rafael. 2011. Arqueologia com a Cidade de São Paulo. Comunicação apresentada no Encontro de Arqueologia, Patrimônio e Turismo. Rio Claro: Unesp.
- TOCCHETTO, F. B. & THIESEN, B. 2007 A Memória Fora de Nós. In: *Revista do Patrimônio, IPHAN*, nº. 33, p. 175 – 199.
- TOCCHETTO, F. B. 2010. *Fica dentro ou joga fora? Sobre práticas cotidianas na Porto Alegre oitocentista*. São Leopoldo: Oikos.
- TRIGGER, B. G. 2004. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Editora Odysseus.
- WICHES, C. M. 2011. *Museus e Antropofagia do Patrimônio Arqueológico: (des) caminhos da prática brasileira*. Lisboa: Departamento de Museologia, ULHT, Tese de Doutorado em Museologia.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA 2010. Programa de Prospecção e Resgate Arqueológico: Quadra 090 Lote 008, Perímetro Nova Luz, Município de São Paulo, SP. São Paulo: s.c.e. Relatório Final etapa de Resgate.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA 2011. Programa de Prospecção Arqueológica Terreno sito à Rua Butantã, Nº 298. Bairro de Pinheiros, Município De São Paulo, Estado De São Paulo. Sítio Arqueológico Pinheiros 2. Relatório Final de Prospecção (Etapa de Campo 1 – 2010). São Paulo: s.c.e. Relatório técnico.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA. 2009. Programa de prospecção: Quadra 090, Lote 008, perímetro Nova Luz – projeto nova administração Paulo Souza. São Paulo: s.c.e. Relatório técnico.

ZANETTINI, P. E. 2004. O arqueólogo na cidade. In: *Expedição São Paulo 450 anos: uma viagem por dentro da metrópole*. São Paulo: Museu da Cidade, pp. 151-154.

ZANETTINI, P. E. 2005. Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico da Casa Bandeirista. Tese (doutorado), MAE/USP, São Paulo.

ZEDENÑO, M. I. e BOWSER, B. J. 2008. *The Archaeology of Meaningful Places*. Salt Lake City: The University of Utah Press.